



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**MARIA ISMÊNIA LIMA**

**A EXISTÊNCIA NAS MALHAS DO MAL EM “A MAÇÃ NO ESCURO”, DE  
CLARICE LISPECTOR**

**CAMPINA GRANDE/PB  
2017**

**MARIA ISMÊNIA LIMA**

**A EXISTÊNCIA NAS MALHAS DO MAL EM “A MAÇÃ NO ESCURO”, DE  
CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

**Linha de Pesquisa:** Literatura e Hermenêutica.

**Orientador:** Prof. Dr. Eli Brandão da Silva.

**CAMPINA GRANDE/PB**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732e Lima, Maria Ismenia.  
A existência nas malhas do mal em "A maçã no escuro", de Clarice Lispector [manuscrito] : / Maria Ismenia Lima. - 2017.  
38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Interdiscursividade. 3. Teologia Cristã. 4. Filosofia Existencial.

21. ed. CDD 801.95

MARIA ISMÊNIA LIMA

A EXISTÊNCIA NAS MALHAS DO MAL, EM "A MAÇÃ NO ESCURO", DE  
CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso em  
Licenciatura Plena em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Graduada em Letras –  
Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Literatura e  
Hermenêutica.

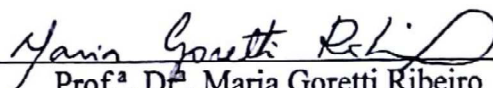
Aprovada em: 15/12/2017.

Nota 10,0 (DEZ)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Maria Goretti Ribeiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Rosângela Maria Soares de Queiroz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, Josefa Irmã Alves e João Pereira Lima  
pela confiança e amor, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me possibilitado vivenciar toda essa trajetória de Graduação e ter sido meu refúgio e fortaleza em todos os momentos, bons e ruins. Aqui encerro uma jornada, pois Ele me permitiu.

Aos meus pais, Josefa Irmã Alves e João Pereira Lima, por terem me incentivado a persistir em todas as etapas e desafios que surgiram, me encorajando, ajudando e confiando em mim. Não teria conseguido sem esse apoio.

Aos meus irmãos Vanessa Rayara, Jéssica Rayne, Danilo Victor e Diego, por todo o carinho e amor a mim conferidos e por me ajudarem todos os dias a ser uma pessoa melhor e mais focada.

À Família Morais Sousa, nas pessoas de Maria Morais, Jonson Sousa, Raimunda Morais, Mayara e Mayana Morais, por terem me recebido e acolhido em sua residência desde o primeiro momento desta caminhada. Admiro profundamente os seres humanos que são. Grandes exemplos de amor e cuidado com o próximo. Sou eternamente grata!

Aos meus amigos, Bruno Santos, Jailma Ferreira, Fernanda Karyne, Luciano Florentino, Raniele Couto, Otaíza Santos e Nilson, por terem me ajudado todos os dias a persistir e ir em busca dos meus sonhos. Somos um eterno “Caso de Poesia”.

Agradeço de modo especial a Bruno Santos, a Jailma Ferreira e a Fernanda Karyne, pela companhia durante todos esses anos. Agradeço por todos os momentos divididos, pelas conversas e conselhos diários. Obrigada por me ajudar a ser uma pessoa cada dia mais determinada e confiante e me incentivar também na realização desse trabalho.

Aos professores do Curso de Letras-Português da UEPB, em especial à professora Cléa Gurjão, pelo exemplo de luta, determinação e sobretudo, de fé. Deus abençoe sua vida!

Ao meu orientador, o professor Eli Brandão, por ter apresentado a mim essa obra maravilhosa que é *A Maçã no Escuro*, durante o PIBIC de 2015/2016 e também por ter aceito me orientar na realização desse trabalho de conclusão de curso. Agradeço muito.

Às professoras Maria Goretti Ribeiro e Rosângela Maria Soares de Queiroz por terem aceito participar da minha banca de TCC.

*Viver é isto: ficar se equilibrando o tempo todo entre  
escolhas e consequências - Jean-Paul Sartre*

## RESUMO

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que a literatura é um cruzamento de vozes em diálogo, no qual concepções e visões de mundo, dramas existenciais e mundos vividos se deixam entrever na trama textual. Nesse sentido, o tecido literário configura-se como lugar de encontro de diversos discursos, a exemplo dos pertencentes aos campos filosófico e teológico, constitutivos do âmbito do humano, que projetam múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo e possibilitam, pela leitura, diversos sentidos. Percebemos no romance *A maçã no escuro* (1999), de Clarice Lispector a presença dissimulada de textos considerados “sagrados” no universo judaico-cristão (Livro de Gênesis), imbrincados por meio de discursos de natureza filosófico-teológica, promovendo reflexo e refração que suscitam ressignificações, que revelam produtivas relações interdiscursivas no seio literário. Desse modo, analisamos o interdiscursivo, a partir das relações tecidas entre literatura, filosofia e teologia na obra *A maçã no escuro*. Enfocamos, de forma específica, os percursos temáticos e/ou figurativos ligados ao tema do mal e da salvação, imbrincados no romance. A análise mostra o drama existencial do personagem principal, Martin, homem em processo de fuga por ter cometido um crime e que, ao longo da narrativa, procura redescobrir o sentido de sua existência. Nessa trajetória, ele é entendido como um “novo Adão”, posto que a análise se opera a partir de um diálogo interdiscursivo com o livro do Gênesis, ao mimetizar o conceito da dogmática cristã envolvendo “queda” e “salvação”. O trabalho tomou como aporte teórico as contribuições de Maingueneau (1997) e Bakhtin (2006), no que se refere às relações acerca do discurso e interdiscurso, de Ricoeur (1995), no que se refere à hermenêutica da obra literária e, em uma perspectiva teo-filosófica, as contribuições de Kierkegaard (1972;2002), acerca de temas existenciais como a culpa e a angústia.

**Palavras-Chave:** Literatura. Interdiscursividade. Teologia Cristã. Filosofia Existencial.



## ABSTRACT

In our research, we started from the assumption that literature is a voice crossings in dialogue, in which conceptions and visions of the world, existential dramas and lived worlds let themselves to glimpse in the textual plot. In this context, the literary space configures itself as a meeting place for several discourses, for example, such the ones that are from philosophical and theological axis that constitutive of human realm, that project multiple possibilities of being in the world and make possible, through reading, several senses. It is noticeable in the romance *A maçã no escuro* (1999), de Clarice Lispector the dissimulated presence of texts considered “sacred” in the Judaic Christian universe (Genesis book) overlapped through philosophical and theological discourses, promoting reflection and refraction that demand redeterminations and reveal productive interdiscursive relations in the literary center. In this context, we analyzed the interdiscursive, from the relations made among literature, philosophy and theology in the romance *A maçã no escuro*. Specifically, we analyzed the thematic and/or figurative paths about the evil theme and the salvation embedded in the romance. The analysis evidences the existential drama of the main character Martin, a man in a fleeing process for having committed a crime, and that throughout the narrative *he seeks to rediscover the meaning of his existence*. In this journey, he is understood as a “new Adam”, whereas the analysis operates from an interdiscursive dialogue with the book of Genesis, in mimicking the concept of Christian dogmatic involving the fall and the salvation. This work used as theoretical support the contributions of authors, such as Maingueneau (1997) and Bakhtin (2006) in what refers to the relations about the discourse and the interdiscourse, by Ricoeur (1995) in what refers to a hermeneutical bias of the literary work, and in a theo-philosophical perspective, and we also took as reference the contributions of Kierkegaard (1972, 2002), on existential issues such as guilt and anguish.

**Key-words:** Literature. Interdiscursivity. Christian Theology. Existential Philosophy.

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                      | <b>9</b>   |
| <b>2 A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE PLURIDISCURSIVA .....</b> | <b>11</b>  |
| 2.1 Reflexões sobre símbolos e metáforas.....                  | 14         |
| <b>3 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE MAL .....</b>             | <b>16</b>  |
| <b>4 A MAÇÃ NO ESCURO: TESSITURAS DO HUMANO .....</b>          | <b>20</b>  |
| 4.1 Primeira parte – Como se faz um homem .....                | 21         |
| 4.2 Segunda parte – Nascimento do herói .....                  | 29         |
| 4.3 Terceira parte – A Maçã no Escuro .....                    | 30         |
| <b>5 CONCLUSÃO.....</b>  | <b>345</b> |
| <b>6 REFERÊNCIAS.....</b>                                      | <b>36</b>  |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, o ser humano tem demonstrado a necessidade inerente de se expressar, de criar laços ou relações de comunicabilidade com o meio em que está inserido, de poder responder às indagações próprias do existir. Por sua natureza mimética, a literatura recria mundos que deixam entrever, pela leitura e interpretação, discursos procedentes de diversos campos, dentre os quais o filosófico e o teológico, visto que estes se ligam mais diretamente às reflexões em torno dos dramas existenciais do humano. Pela sua plurissignificação, a literatura traz à tona múltiplas possibilidades de sentidos que se apresentam como identidades ou diferenças em relação às interpretações estabelecidas no texto literário.

Assim, segundo Sartre (1989, p. 164), as questões que são colocadas por nosso tempo e que permanecerão como nossas questões, são de uma outra ordem: “como fazer-se homem na história, pela história e para a história?” Como estabelecer um elo entre a nossa consciência única e a relatividade de nossa realidade e existência? Como podemos assumir as consequências de nossos atos? Essas e outras indagações podem encontrar na reflexão filosófica e/ou teológica um caminho.

Nesse sentido, a Literatura pode ser pensada como um espaço de realização da linguagem encontrado pelo ser humano para expor suas indagações, inquietações e tudo aquilo que tem a possibilidade de se materializar por meio do registro escrito. Dessa forma, a busca da análise e interpretação do discurso literário faz-se necessária, pois trata-se de um evento da linguagem, um acontecimento realizado pelo indivíduo, que, no entanto, se torna texto-discurso, possibilitando uma profusão de sentidos, os quais, embora oriundos da mesma superfície linguística, se projetam como diversidade compreensiva.

Dessa forma, podemos enfatizar a importância da análise interdiscursiva, na medida em que trata das relações entre os textos produzidos em diferentes épocas, lugares e por diferentes autores, como produtivo caminho interpretativo dos mundos desdobrados pelo texto. Isto posto, procuraremos neste trabalho refletir acerca da questão do existir e da condição humana tomando como objeto de estudo a literatura, considerando que a mesma tem esse poder de recriar e desvelar dramas existenciais referentes às inquietações humanas.

Assim, partindo da conjectura de que a obra clariceana é repleta de questões existenciais e teológicas, nosso estudo se dará por meio da análise do romance *A maçã no Escuro*, de Clarice Lispector. A obra tem como personagem principal Martim, homem que está em

processo de fuga por causa de um crime cometido e que, ao longo da narrativa procura redescobrir o sentido de sua existência, ao tentar dar uma nova significação ao seu mundo.

*A Maçã no Escuro* se apresenta como um romance denso, porque apesar de ser habitado por personagens aparentemente simples, traz em si um enredo que traça um questionamento sobre a existência do ser humano, cujo desejo é o de comandar o próprio destino; configura-se assim, uma busca por desvendar aquilo que está além dos olhos. Martim procura refazer seu destino, pois o sentimento de culpa que carrega, dolorosamente, faz com que ele vá em busca de um novo caminho, de uma ressignificação para o que lhe pesa na consciência, a saber, o seu crime e a sua culpa. Assim, podemos dizer que essa obra é uma representação do itinerário humano, ao centralizar os conflitos, angústias e desejos que perfazem a existência do ser.

Portanto, temos como objetivo, por meio desse trabalho identificar, na obra selecionada, percursos figurativos e/ou temáticos referentes ao mal e à salvação imbrincados na narrativa clariceana. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico as contribuições de autores a exemplo de Maingueneau (1997) e Bakhtin (2006), no que concerne às relações acerca do discurso e do interdiscurso; de Ricoeur (1995), no que se refere à hermenêutica da obra literária e, em uma perspectiva teo-filosófica, tomaremos como referencial as contribuições de Kierkegaard (1972;2002), acerca de temas existenciais como culpa, angústia e salvação.

Trata-se de pesquisa bibliográfica, uma vez que tem como finalidade relacionar conceitos, características e ideias a partir de textos (ALMEIDA, 2011), e de natureza qualitativa, pois, segundo Deslandes (1994), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Esse trabalho justifica-se no sentido de apresentar uma visão de literatura que vai além de entretenimento ou de simples reprodução de conceitos antes afirmados, mas que a vislumbra como um espaço onde o mundo pode ser testemunhado e questionado. Além disso, a escolha por um romance de Clarice Lispector como objeto de nossa análise justifica-se por esta ser uma escritora que revela, através de suas obras, as esperanças, aflições e questões sobre a existência humana de maneira expressiva.

Por fim, esta pesquisa poderá ser utilizada como apoio teórico para quem se dedica ao estudo das interfaces entre literatura, teologia e filosofia, principalmente no que concerne à literatura de Clarice Lispector.

## 2 A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE PLURIDISCURSIVA

*Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura*

**Leyla Perrone-Moisés**

A Literatura se apresenta como um espaço onde as múltiplas relações de sentido podem se concretizar e, através desse entrelaçamento, promover o surgimento dos mais diversos discursos. No entanto, os dizeres de quem escreve, querendo ou não, não estão isentos de ideias já postas anteriormente por outros em momentos distintos. Assim, para elucidarmos mais profundamente essa problemática, contaremos com o aporte teórico de Maingueneau (1997), que nos apresenta a questão do interdiscurso e suas nuances. Em sua definição de interdiscurso, o autor esclarece que este

(...) consiste em um processo de *reconfiguração incessante* no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1997, p.113)

Nesse sentido, podemos perceber que os discursos estão sempre em constante reformulação. O que foi dito em determinado contexto, poderá não ser mais tão significativo em um momento posterior, ou poderá modificar-se, assumindo outros sentidos. Para Maingueneau (1997), a formação discursiva é compreendida como um conjunto de enunciados que possuem as mesmas “regras de formação”, podendo originar-se a partir de dimensões como a social, política e histórica, entre outras. Dessa maneira, o fazer discursivo vai sempre se refazendo e, nesse processo, muitos elementos pré-construídos são incorporados aos já concebidos, redirecionando seu percurso.

Sobre a questão do interdiscurso faz-se necessário também abordarmos a definição construída por Bakhtin (1998 apud FIORIN, 2006). Para este, o interdiscurso aparece sob o nome de dialogismo e se dará sempre entre discursos, o que faz com que os interlocutores só existam enquanto discurso, sendo necessário enfatizar que o dialogismo não pode ser confundido com a interação face a face, pois esta “é uma forma composicional em que ocorrem relações dialógicas, que se dão em todos os enunciados no processo de comunicação, tenham eles a dimensão que tiverem” (FIORIN, 2006, p.167). Pensando o dialogismo, temos que

(...) todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1998, p.86 *apud* FIORIN, 2006, p. 167)

Assim, como não existe objeto que não seja cercado, envolto, embebido em discurso, todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras (BAKHTIN, 1992, *apud* FIORIN, 2006). Pensando a Literatura como espaço de construção e entrelaçamento discursivo, podemos dizer que os dizeres expressos na superfície textual não são totalmente novos, pois como foi dito anteriormente, o discurso é resultante de junções de uns e exclusão de outros discursos ao longo do tempo.

Desse modo, as obras literárias estão permeadas de discursos que remontam outros dizeres e outros contextos. Nesse sentido, Ricoeur (1995, p. 71) afirma que

A linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas, porque estamos no mundo, porque somos afectados por situações e porque nos orientamos mediante a compreensão em tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer à linguagem. (RICOEUR, 1995, p.71)

Assim, a linguagem, mais precisamente a literatura, será uma maneira de transformar em palavras os pensamentos e as visões que temos acerca do mundo que nos rodeia. Por meio da palavra escrita, o dito literário pode perdurar por longo tempo, podendo fazer-se e refazer-se continuamente, ganhando novos sentidos e significações. Desta maneira, podemos pensar a ação escrita como algo bem maior que a mera fixação material (RICOEUR, 1995). Nesse contexto, é interessante para o nosso diálogo abordarmos a questão da interpretação e compreensão das obras literárias enfatizadas por Ricoeur (1995, p. 123).

Os textos literários implicam horizontes potenciais de sentido que podem actualizar-se de diversos modos. Essa característica relaciona-se mais directamente com o papel dos sentidos segundos, metafórico e simbólico, [...] do que com a teoria da escrita. (RICOEUR, 1995, p. 123)

Desse modo, podemos perceber que alguns aspectos podem envolver a interpretação e compreensão de uma obra literária. Com relação à compreensão, o leitor tem que saber que

ele não conseguirá perceber todas as intencionalidades do autor, pois estas ficaram para além do alcance, uma vez que a compreensão não tem lugar em um espaço psicologizante, mas semântico. Os caminhos imbrincados para a construção interpretativa requerem um olhar que vislumbre todos os meandros e possibilidades que estejam presentes no texto literário. Entretanto, é relevante considerarmos que, mesmo sendo possível uma abrangência de significações, não é possível uma forma qualquer de interpretação, ela deve estar pautada em apontamentos presentes no próprio espaço literário (RICOEUR, 1995).

Ainda acerca do interdiscurso, é necessário que nos atenhamos às noções de universo discursivo, campo discursivo e espaços discursivos fornecidos por Maingueneau (1997). Para ele, o universo discursivo nada mais é que “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma dada região” (op. cit., 1997, p. 116). Nesse caso, o universo discursivo forma como que um arquivo, um depósito de enunciados heterogêneos, práticas discursivas que não podem ser reduzidas.

Já o campo discursivo refere-se a um “conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116). Como exemplos de campos discursivos temos o filosófico, o teológico e o político. Além do campo, tem-se o espaço discursivo, o qual consiste na delimitação de um subconjunto do campo discursivo, ligando no mínimo duas formações discursivas que possivelmente mantêm relações privilegiadas, de suma importância para o entendimento dos discursos considerados (MAINGUENEAU, 1997).

A partir de tudo o que foi discutido até o momento, é relevante fazermos a distinção entre dois fenômenos linguísticos, a saber, a intertextualidade e de interdiscursividade. Segundo Fiorin (1994, apud FIORIN, 2006) ambos os termos resultam da presença de duas vozes no mesmo texto discursivo ou textual, entretanto apresentam diferenças entre si. A intertextualidade é concebida como “a incorporação de um texto em outro seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (BAKHTIN, 1994, p. 30), enquanto que “a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro”, pois ao se referir a um texto, o enunciador se refere também ao discurso que ele manifesta (p. 35).

A intertextualidade é algo que faz parte do texto literário, uma vez que, ao ser produzido, um texto está sempre “convidando” outros textos (DANTAS, 2006), ou em outras palavras, todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diferentes níveis e sob formas mais ou menos reconhecíveis, o que nos leva a compreender que o texto é uma produtividade, o trabalho com a língua, em que ele desconstrói e reconstrói (FIORIN, 2006).

A partir disso, podemos compreender melhor a presença na escrita literária de textos e discursos pertencentes a outros campos do saber como a teologia. Acerca da relação entre literatura e religião, Brandão (2008) salienta que

Ora, ao longo da história da literatura encontramos abundante presença de “textos sagrados” no seio de textos literários, num diálogo intertextual e interdiscursivo incessante, num processo que configura relações de concordância ou discordância com os textos/discursos das religiões. (BRANDÃO, 2008, p. 98)

O espaço do fazer literário torna-se lugar de encontro dos diferentes discursos, possibilitando uma nova configuração e o surgimento de novos textos, a exemplo desses que surgem em uma relação com os textos basilares das religiões, a exemplo da *Bíblia*. Em uma discussão mais aprofundada acerca da relação entre literatura e religião, Magalhães (2008) enfatiza que a *Bíblia*, além de ter influenciado muitos textos literários no mundo Ocidental, ela é, em si mesma, uma obra literária, tendo em vista que é uma rede de narrativas formadas por personagens e tramas que se perfazem de maneira complexa e intensa: “A riqueza da *Bíblia* como obra literária reside, portanto, mais na complexidade e intensidade de tramas e personagens que na narração prolixa e detalhista” (MAGALHÃES, 2008, p. 18), em uma linguagem literária “marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estas podem crescer, serem alteradas no decorrer das narrativas” (op. cit., 2008, p. 18). Essa concepção acerca da *Bíblia*, saindo de um viés doutrinário e unívoco, aponta para a riqueza desse livro enquanto potência literária e polissêmica.

Isto posto, passaremos a seguir a discutir um pouco sobre os símbolos e as metáforas, elementos importantes na conjuntura das obras literárias e que se apresentam fortemente em *A maçã no escuro*.

## 2.1 Reflexões sobre símbolos e metáforas

As obras de Clarice Lispector estão permeadas de recursos expressivos e possibilitadores de sentido que engendram as narrativas e tecem uma cadeia de significados diversos, um exemplo são os símbolos e as metáforas. O símbolo é um elemento com duplo sentido que tem toda uma representatividade e significação dentro do espaço discursivo das obras literárias. Segundo Jung (1964), o símbolo consiste em um nome, um termo, uma



imagem, que pode ser familiar cotidianamente, mas que depreende significações diferentes além do evidente, literal ou convencional.

Para Eliade (1979), os símbolos revelam aspectos de uma realidade mais profunda, provocando o acesso à outros âmbitos do conhecimento. Na obra *Antropologia Filosófica: ensaio sobre o homem*, Ernst Cassirer discorre acerca das diferenças entre a realidade humana e dos animais, apontando que o homem vive numa vasta dimensão da realidade e que esta não é apreendida de forma imediata, mas a partir de um *sistema/universo simbólico*.

Já não é dado ao homem enfrentar imediatamente a realidade; não pode vê-la, por assim dizer, face a face. A realidade física parece retroceder proporcionalmente, à medida que avança a atividade simbólica do homem. Em lugar de lidar com as próprias coisas, o homem, em certo sentido, está constantemente conversando consigo mesmo. Envolveu-se por tal maneira em formas linguísticas, em imagens artísticas, em símbolos míticos ou em ritos religiosos, que não pode ver nem conhecer coisa alguma senão pela interposição desse meio artificial. (CASSIRER, 1979, p. 50)

Nessa perspectiva, o homem pode ser definido como um *animal symbolicum*, ao invés de *rationalis*. A razão é um conceito que não consegue “abranger as formas da vida cultural do homem em toda a sua riqueza e variedade” (CASSIRER, 1979, p. 51), pois todas essas formas são simbólicas. Isto posto, elementos como a linguagem, a arte, o mito e a religião são exemplos de realidades que pertencem à experiência simbólica humana.

Através de uma perspectiva diferente, Erich Fromm (1980, p. 20) afirma que

Os símbolos são expressões sensoriais da visão, audição, olfato e tato como representando “outra coisa” que é uma experiência interior, um sentimento ou pensamento. Um símbolo dessa espécie é algo exterior a nós mesmos; o que simboliza é algo dentro de nós (FROMM, 1980, p. 20)

Essa possibilidade de conceituação traz o símbolo como algo interior, dentro de nós. Segundo Ferreira Santos e Almeida (2012), o universo simbólico tem como uma de suas características a redundância dos símbolos, demonstrando portanto, que o efeito esperado ao lermos uma obra pode não ocorrer de maneira imediata. Em um texto, os símbolos não aparecem necessariamente de maneira evidente, linear ou isolada, mas de forma a constituir redes simbólicas em que os elementos devem ser compreendidos na relação que estabelecem entre si. Assim, no que se refere à literatura introspectiva clariceana, em especial “*A maçã no escuro*”, os personagens e o narrador revelam pensamentos conscientes e inconscientes por meio de uma linguagem que utiliza o símbolo para traduzi-los.

Ao refletirmos acerca dos símbolos denotamos que eles são elementos que possibilitam o pensar humano relativo à formulação da própria existência. No entanto, esse trabalho cognitivo não se dá de forma imediata, uma vez que “consiste em decifrar o sentido oculto no

sentido aparente, o que só pode ser feito mediante a interpretação do próprio símbolo” (DANTAS, 2006, p. 51). Isto posto, é nele que podemos encontrar a origem das dimensões históricas e espirituais que envolvem a realidade humana. Portanto, sendo concebidas pelo homem, as obras literárias têm em sua tessitura toda uma construção simbólica, que corrobora para a formulação interpretativa realizada pelo leitor.

Ao delinear sua posição com relação à importância dos símbolos para o processo de criação literária, Ricoeur (1995, p. 96) também tece algumas considerações acerca da metáfora para esse fazer poético:

A linguagem poética tem em comum com a linguagem científica o facto de só alcançar a realidade mediante um desvio, que serve para negar nossa visão comum e a linguagem que habitualmente empregamos para descrever. Procedendo assim, a linguagem poética e científica visa uma realidade mais real do que as aparências. (RICOEUR, 1995, p. 96)

A metáfora surge assim, com o objetivo de redescrever a realidade no nível da enunciação, traçando uma linguagem que almeja ir além do habitual, esperado. Dessa forma, no que tange ao conceito de metáfora, denotamos que consiste em um recurso figurativo utilizado nos textos literários que “diz-nos algo de novo acerca da realidade” e “não tem estatuto na linguagem já estabelecida e que apenas existe em virtude da atribuição de um predicado inabitual ou inesperado” (RICOEUR, 1995, p. 100). Nessa perspectiva, a metáfora corresponde à superfície linguística dos símbolos, tendo como objetivo relacionar a superfície semântica com a superfície pré-semântica nas profundezas da experiência existencial do ser humano. (RICOEUR, 1995)

Nesse sentido, poderemos perceber a partir de uma leitura da obra selecionada para nossa pesquisa, aspectos simbólicos e metafóricos que remontam para a temática do mal e da salvação, enquanto expressões da existência humana. Isto posto, faremos a seguir uma explanação acerca do conceito de mal e a sua implicação na perspectiva filosófico-teológica e literária.

### **3 REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE MAL**

Muitos estudiosos do campo filosófico e teológico se dedicaram em analisar e trazer à luz uma conceitualização acerca do que podemos compreender como sendo o mal. Essa tarefa, no entanto, não foi fácil, tendo em vista os diferentes pontos de vista e concepções com relação ao tema. Júlio Jeha (2007) revela em seu artigo “*Monstros como metáforas do mal*”,

que as duas respostas mais comumente utilizadas na definição de mal estão vinculadas à moralidade e à sabedoria.

Para a moralidade, o mal “é qualquer obstáculo que impede um ser de alcançar a perfeição que, não fosse por isso, ele poderia atingir” (JEHA, 2007, p. 03). Dessa forma, o mal surge como um impedimento na realização dos desejos e na satisfação das necessidades dos indivíduos. Já na abordagem da sabedoria, o mal “é a qualidade *frustrada* do desejo insatisfeito” (KOEHN, 2005, p. 11 apud JEHA, 2007, p.03). O que diferencia essas duas concepções é que a moralidade está voltada para as ações, enquanto que a sabedoria focaliza o conhecimento. A convergência entre elas está no fato de que para ambas o mal se opõe ao bem, e, por isso, deve ser combatido, uma vez que o bem é entendido como a integridade do ser, logo, o que atrapalha essa integridade deve ser suprimido.

Cotidianamente, os conceitos de mal e sofrimento são considerados em uma relação de correspondência, de sinônimo, assim como ocorre também com mal e fazer o mal ou mesmo mal e infortúnio. São representações que são colocadas em uma mesma dimensão. Ao relacionarmos mal e sofrimento, focalizamos no efeito, aquilo resultante de um movimento, de uma ação, enquanto que, ao falarmos do “fazer mal”, o foco estará na ação. Nessa perspectiva, o mal é algo que é cometido, mas também é sofrido. De acordo com Jeha (2007, p. 03):

(...) o sofrimento deve ser desnecessário, supérfluo, em oposição a uma dor que possa ser inevitável num processo de cura, por exemplo. Rejeição e oposição por parte da vítima, entretanto, nem sempre são necessárias, porque alguém nascido e criado em condições desumanas pode desconhecer a possibilidade de um mundo melhor. Pode-se acrescentar que para a ação ser propriamente malévola, é necessário haver intenção e consciência por parte do agente; caso contrário, estaríamos falando de acidentes comuns que surgem de falta de cuidado e negligência. Tal afirmação, entretanto, não se sustenta ao levarmos em conta as atrocidades cometidas em nome do bem ou até de Deus.

Ao longo da História das sociedades, muitos líderes e ditadores, a exemplo de Hitler, construíram seus impérios e lideranças perseguindo e causando sofrimentos a milhares de pessoas consideradas como obstáculos para a efetivação de seus objetivos pessoais. Mesmo em casos em que havia uma justificativa tida como fundamentalmente “boa”, a exemplo dos cruzados, os quais agiam segundo ordens do papa para lutarem em nome de Cristo, porém, nessas ações, muitas mortes e sofrimentos foram causados. (JEHA, 2007).

Ao analisar o conceito de mal, podemos pensá-lo através de metáforas, cuja significância assume percursos distintos:

Entre as metáforas mais comuns que usamos para nos referir ao mal, estão o crime, o pecado e a monstruosidade (ou o monstro). Quando o mal é transposto para a esfera legal, atribuímos-lhe o caráter de transgressão das leis sociais; quando o mal aparece no domínio religioso, o reconhecemos como uma quebra das leis divinas, e quando ele ocorre no reino estético ou moral, damos-lhe o nome de monstro ou monstruosidade. (JEHA, 2007, p.19)

O mal pensado na esfera social, denominado de “mal moral”, traz a característica de rompimento com a estrutura estabelecida, o que acaba por promover um mal-estar entre o indivíduo e a sociedade. Estando nesse processo, o sujeito é levado a ser punido com base nas leis e códigos sociais. Já no plano teológico, a presença do mal assume outra dimensão, pois implica contrariedade ao estabelecido por um poder não mais terreno, mas divino, cujas leis são inquestionáveis. A oposição a isto implicará no pecado e, conseqüentemente na “queda” do sujeito, que passará então a viver em sofrimento. A falta cometida só poderá ser perdoada caso haja uma tomada de consciência que leve conseqüentemente ao arrependimento e à busca pelo perdão.

Ao debater acerca do mal, Agostinho (1995) diz que ele pode ser pensado como privação ou pecado. Depende somente do homem escolher o mal, uma vez que ele possui o livre-arbítrio, o que o torna totalmente responsável pelas suas escolhas e as conseqüências resultantes delas. Assim entendido, as ações humanas estão submetidas à duas leis: a lei temporal e a lei divina. A primeira diz respeito às regras concebidas pelos homens, já a lei divina está fundamentada no plano religioso. De acordo com a concepção cristã, os homens são finitos, mutáveis e a lei temporal é uma forma de organizar suas ações, modificando-se ao longo do tempo, de acordo com as próprias mudanças humanas. Já na dimensão do eterno, não há possibilidade de a lei ser questionada, pois trata-se de algo que pensado como justo e imutável (AGOSTINHO, 1995).

As ações humanas podem ser consideradas como más a partir da paixão que os homens colocam nelas. A paixão é um termo que deve ser compreendido como algo que inspira os homens a um amor desordenado por coisas do nível terreno. Isto posto, quando o ser humano se afasta delas, mais próximo fica de Deus, mas é também por esse mesmo meio que pode se afastar, pois as intenções de suas ações, assim como as paixões não estão fora, mas no interior de cada ser humano (AGOSTINHO, 1995).

Ao estabelecermos uma análise acerca da conceitualização do mal dentro da conjuntura literária, podemos verificar a sua presença em diferentes obras da Literatura Brasileira em diferentes momentos históricos. Segundo Rosenbaum (1999), dentre os autores que reservaram um espaço para apresentar os receios, as impulsividades e os desejos mais

sombrios do ser humano, frente à organização e o estabelecimento social, temos Gregório de Matos (o “Boca do Inferno”) com sua poesia satírica e cômica, permeada muitas vezes pelo desnudar da aparência social e humana; Machado de Assis, em um prisma realista, procurou mostrar as perversidades da estrutura social brasileira do século XIX; Guimarães Rosa, revelou em seus escritos a relação entre o homem e o diabo. Esses são alguns nomes dentre os vários autores que compõem a nossa literatura e que tematizaram a negatividade humana e suas imbricações.

Entretanto, Rosenbaum (1999) destaca que é importante notarmos que o tema do mal não é algo recente, uma vez que já estava presente na literatura desde os tempos de Homero, perpassando também diversos episódios da *Bíblia*, assim como nas peças de Shakespeare e na obra de Baudelaire. Isto posto, verificamos que as expressões acerca do mal desde sempre moveram e instigaram o ser humano, aparecendo, portanto, nas obras literárias de diferentes sociedades e épocas.

Desta feita, a análise que faremos posteriormente de “A maçã no escuro” tem como objetivo delinear, a partir da tessitura narrativa, traços que remontam para representações acerca do mal, assim como outras questões que envolvem a existência, a exemplo da angústia, do pecado e salvação, os quais serão enfatizados através de concepções filosófico-teológicas advindas do pensador dinamarquês Sören Kierkegaard (1972; 2002).

Tendo vivido no século XIX, Kierkegaard é conhecido como o “pai” do Existencialismo<sup>1</sup>, porque suas análises acerca de problemas que envolvem a existência humana, serviram como base para o surgimento, no século XX, dessa doutrina (PENHA, 1986). A preocupação de Kierkegaard está em discorrer sobre os aspectos fundantes do ser humano e sua relação com o mundo consigo mesmo e com Deus. Por este motivo, algumas de suas ideias serão utilizadas na análise da trajetória existencial do protagonista Martim, tendo em vista que este realiza um deslocamento em busca de si mesmo, a partir do momento em que comete um erro. Sentindo-se culpado, o seu percurso, por vezes, é marcado por indagações e questionamentos voltados para Deus e pela procura incessante em livrar-se do sentimento de culpa.

Para Kierkegaard (1972) o homem é uma síntese de alma, corpo e espírito. Somente com a junção destes termos é que ele está completo, tem-se o “eu”. Fora disso, o “eu” não existe. Além dessa concepção, o homem é também “uma síntese de infinito e de finito, de

---

<sup>1</sup> Movimento filosófico que surgiu no século XX, após a Segunda Guerra Mundial e que tem como centralidade a reflexão sobre a existência humana considerada em sua dimensão particular, individual e concreta. Dividindo-se em diferentes correntes, o movimento teve como alguns de seus representantes os filósofos Sartre e Heidegger. (cf. PENHA, 1999).

temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade” (KIERKEGAARD, 2002, p. 19). Todos esses aspectos fazem parte da existência humana, influenciando-a.

#### 4 A MAÇÃ NO ESCURO: TESSITURAS DO HUMANO

*A maçã no escuro* é um romance escrito na década de 1950, por Clarice Lispector. Concebido durante o tempo em que a escritora estava morando nos Estados Unidos da América. Foi finalizado em 1956, em Washington, mas publicado somente em 1961 no Brasil, pela editora Francisco Alves. Com esse romance obteve o prêmio Carmen Dolores Barbosa de São Paulo, no ano de 1962. Juntamente com *Laços de Família* é um dos livros mais traduzidos no exterior (SÁ, 1979).

*A maçã no escuro* é o quarto romance de Clarice Lispector, sendo seus antecessores: *Perto do Coração Selvagem* (1944), *O Lustre* (1946) e *A Cidade Sitiada* (1949). Segundo Olga de Sá (1979), em seus romances e contos, a escritora impunha roteiros metafísicos, e uma variada gama de recursos expressivos e eixos metafóricos, sintetizando-se em figuras que implicam processos de indagação e de busca. O que há em grande parte de suas obras, é a descrição de um itinerário humano, de uma travessia.

Isto posto, temos que em *A maçã no escuro* Martim, o protagonista, vivencia diversos momentos de angústia e sofrimento por saber-se na condição de criminoso, pois acredita ter cometido um assassinato. Por esse motivo, foge e vai refugiar-se em uma fazenda. Lá, Martim passa por diversas crises existenciais e começa a buscar reconstruir a si mesmo, em um processo de isolamento, reflexão e desejo de salvação. A obra constitui-se de três (03) momentos, a saber: I – Como se faz um homem; II – Nascimento do herói; III – A maçã no escuro. Ao longo de cada um deles, Martin traça o itinerário em busca de conhecer a si mesmo e encontrar a cura para a angústia que carrega, a *salvação* para sua existência.

Na primeira parte, o protagonista transita entre o total isolamento com o mundo, convivendo somente entre plantas e bichos, até o desejo de alcançar um novo estágio: “Foi assim que a vida de Martim começou a ultrapassá-lo: os dias eram grandes, bonitos, e sua vida era muito maior que ele. E ele mesmo, aos poucos, tornou-se mais do que um homem sozinho” (ME<sup>2</sup>, 1999, p. 108). Na segunda parte, Martim toma consciência de si mesmo e busca alcançar uma possível libertação: “Que queria ele? O que quer que quisesse nascera longe dentro dele, e não era fácil trazer à tona o rumorejo gago” (ME, p. 131).

---

<sup>2</sup>A sigla ME será utilizada nas citações para designar a obra *A maçã no escuro*.

Por fim, na terceira parte do romance, o protagonista procura estabelecer as bases para uma nova existência: “Estava mole, cansado, ele queria... que é que ele queria? Que é que eu quero? Oh Deus, ajude-o, ele não sabe o que quer.” (ME, p. 319). De modo geral, *A Maçã no Escuro* apresenta uma narrativa simples e, ao mesmo tempo, um enredo denso, por ser fortemente marcado por cadenciamentos e inquietações existenciais que se prolongam no decorrer da história.

*A Maçã no Escuro* traça uma intertextualidade com a narrativa bíblica cristã, que pode ser percebida já inicialmente com o título que nos remete ao fruto maçã. Esta nos recorda o mito da *queda*, retratado no livro do Gênesis (Gn 2), onde os primeiros humanos, Adão e Eva desobedeceram a Deus, comendo o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e, como consequência do ato, foram expulsos do Paraíso e passaram a viver somente por meio de seus esforços.

#### 4.1 Primeira parte: Como se faz um homem

A narrativa clariceana inicia-se com a estadia de Martim em um hotel esquecido de beira de estrada. Martim demonstra medo e desconfiança do lugar onde se encontra, pois está em um processo de fuga, dessa forma, fica a todo momento observando o hotel para ver se tem alguém com olhares de desconfiança. O momento crucial que transformará as ações de Martim e dará impulso à narrativa, ocorre quando ele percebe que alguém sai com o carro do hotel, misteriosamente, no meio da noite e desconfia que seja alguém querendo denunciá-lo. Então, é tomado por um desespero e vai embora do hotel apressadamente: “Não sabia onde pisava, se bem que através dos sapatos que se haviam tornado um meio de comunicação, ele sentisse a dubiedade da terra” (ME, p. 19). Partindo desse ato, a narrativa se torna mais intimista, pois agora Martim encontra-se no meio do nada, em terras nunca antes pisadas, esperando os seus passos lhe guiarem para um futuro desconhecido.

Assim, enquanto caminha pelo chão descampado, começa a refletir sobre si mesmo e sobre a condição em que se encontra. Nesse instante de solidão começa a inquietar-se com sua própria presença, ele foge do mundo, mas também está fugindo de si mesmo e da sua consciência que não o deixa esquecer o motivo de estar ali. E então, começa a pensar no crime que cometera:

Mas “crime?” A palavra ressoou vazia no descampado, e também a voz da palavra não era sua. Então, finalmente convencido de que não seria capturado pela linguagem antiga, ele experimentou ir um pouco mais longe: sentira por acaso horror depois de seu crime? O homem apalpou com minúcia sua memória. Horror? E no entanto era o que a linguagem esperaria dele. (ME, p.35)

Os momentos em que Martim pensa sobre o seu crime são marcados por sucessivos questionamentos. Entretanto, ele não se sente verdadeiramente culpado, conforme podemos observar a seguir:

“Tendo certa prática de culpa, sabia viver com ela sem ser incomodado. Já cometera anteriormente os crimes não previstos pela lei, de modo que provavelmente considerava apenas a dureza da sorte ter há duas semanas executado exatamente um que fora previsto. Uma boa educação cívica e um longo treinamento de vida o haviam adestrado a ser culpado sem se trair, não seria uma tortura qualquer que faria com que sua alma se confessasse culpada (...) (ME, p. 35-36)

A falta de um sentimento de culpa em Martim pode ser vista de dois modos distintos: primeiro, o que haveria nele seria o medo de ser encontrado e punido segundo as leis sociais, por isso, a busca em distanciar-se o máximo possível. Já por outro lado, o isolamento pode ser entendido como um afastamento mesmo da vida que antecedeu o crime, tendo em vista que esta se mostrava ordenada, estável, mas que não satisfazia totalmente Martim.

Após um período andando por descampados, o homem chega à fazenda de Vitória, e consegue ficar por lá, trabalhando em troca de abrigo e comida. Pensando nesses deslocamentos, podemos dizer que Martim seria um “novo Adão”, no sentido em que comete um delito/pecado e em seguida, parte da cidade para o campo em fuga, acontecimento que difere do texto original/bíblico, já que neste o primeiro homem encontra-se em meio à natureza perfeita e tranquila do Éden e depois do pecado é colocado para fora do jardim, para o mundo. Vejamos esta passagem bíblica:

A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para si. E eis que ouviram o barulho (passos) do Senhor Deus que passeava no jardim, à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem, e disse-lhe: “Onde estás?”. E ele respondeu: “Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo. Porque estou nu; e ocultei-me”. O Senhor Deus disse: “Quem te revelou que estavas nu? Terias por ventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?”. O homem respondeu: “A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi”. (Gn 3:6-12)

(...)

O Senhor Deus fez para Adão e sua mulher umas vestes de peles, e os vestiu. E o Senhor Deus disse: “Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Agora, pois, cuidemos que ele não estenda a sua mão e tome também do fruto da árvore da vida, e o coma, e viva eternamente”. O Senhor Deus expulsou-o do jardim do Éden, para que ele cultivasse a terra donde tinha sido tirado. E expulsou-o. (Gn 3: 21-24)



O crime ou “o grande pulo” (ME, p. 36) cometido por Martim não é contra Deus, mas contra as leis estabelecidas pela sociedade, que, uma vez rompidas requerem do sujeito a retratação, já com relação a Adão, a oposição é contra a ordem celeste, divina. Ao falarmos em crime, fazemos uma referência a algo que está socialmente colocado no âmbito do mal, ao fazer oposição ao bem, ao “certo”. Nesse sentido, ao lermos o romance poderemos perceber que a ideia de mal perpassa todos os seus recantos: o mal que pode ser entendido como uma ruptura ou quebra de algo que estava estabelecido e que foi drasticamente desfeito. Portanto, o mal é o crime cometido por Martim, ou seja, o mal está no ato realizado contra um semelhante seu, podendo ser compreendido como “mal moral” (JEHA, 2007). Aqui temos o crime como metáfora do mal.

Ao investigar a presença da maldade nas personagens clariceanas, Gilberto Figueiredo Martins (1997) afirma que esta característica é algo recorrente nas produções literárias da autora:

Destituindo o mal (ao menos por enquanto) de sua carga ética, quando evita caracterizar os atos de seus personagens como exclusivamente voluntários e inevitavelmente puníveis, Clarice insere na vontade humana um traço de passividade: estando na natureza humana ou sendo exterioridade, o mal é contingência, causa e consequência de nossa insuficiência ôntica, de uma impotência preliminar que nos constitui. (MARTINS, 1997, p. 31)

Nessa perspectiva, o mal é constituinte dos personagens, próprios de sua essência, de seu ser, logo, eles estão propensos a vivenciá-lo. Mas isso só acontece caso queiram obter a liberdade. Isto posto, ao refletir sobre o mal e suas consequências, Kierkegaard (1972, p.44), diz que, no homem

O pecado aparece, pois, como algo de súbito, quer dizer, mediante um salto; este salto, porém, instaura, ao mesmo tempo, a qualidade: ora, a qualidade, desde que é instaurada, implica e institui o salto tal como este a pressupõe e instaura. (KIERKEGAARD, 1972, p. 44)

Assim, o crime de Martim pode ser considerado um “salto”, um passo além da realidade vivida pelo indivíduo. Consiste na saída de uma zona permanente, estável, que, na narrativa seria a vida de Martim. A partir do salto qualitativo, o ser perde sua inocência, dando lugar à culpa. A inocência, entendida como “uma qualidade, um estado (...)” (KIERKEGAARD, 1972, p. 51), é ignorância e não um ser puro de imediato. Na perspectiva kierkegaardiana, quando o homem encontra-se em estado de inocência, ainda não está determinado como espírito, ainda que a alma mantenha uma unidade imediata com o seu ser natural, o que

significa dizer que ainda não há um “eu” propriamente dito, pois este consiste em uma síntese: corpo, alma e espírito.

Acerca da inocência, Kierkegaard (1972, p. 57-58) afirma que

“Neste estado, há calma e há repouso; mas há, ao mesmo tempo, outra coisa que, contudo, não é perturbação nem luta, pois nada existe contra que lutar. O que há então? Nada. Mas que efeito produz, este nada? Este nada engendra a angústia. Eis o mistério profundo da inocência: ao mesmo tempo é angústia. Sonhador, o espírito projecta a sua própria realidade que é um nada, e a inocência vê continuamente diante de si este nada.” (KIERKEGAARD, 1972, p. 57-58)

Nesse sentido, quando o homem vive em estado de inocência (ignorância), envolto pelo repouso, ele também se depara com algo que o incomoda, o nada. Este produz um sentimento, uma sensação, que é a angústia. Logo, a origem da angústia advém da relação entre o ser inocente e o nada. Assim, podemos dizer que antes de realizar o seu crime, Martim já estava em estado de angústia, pois vivia o nada que era sua vida/existência. Ao dar o “grande pulo”, a inocência é destruída e o homem torna-se livre. Por um viés teológico, o seu estado agora é de culpado.

Dito isso, ao voltarmos para a narrativa, verificamos que nos primeiros dias Martim procura manter-se afastado ao máximo dos outros moradores da fazenda, buscando sempre refugiar-se no depósito de lenha, seu abrigo, e viver somente em companhia de plantas e animais. É interessante notarmos que esse comportamento não teve início na fazenda, mas já estava acontecendo antes, nos momentos vivenciados no descampado: “Mas a verdade é que o descampado tinha uma existência limpa e estrangeira. Cada coisa estava no seu lugar” (ME, 1999) e na própria estadia no hotel: “Há duas semanas aquele homem viera para o hotel, encontrado no meio da noite quase sem surpresa (...). Era um hotel vazio, só com o alemão e o criado (...)” (ME, p. 15). Esse comportamento aponta para a busca em isolar-se de tudo que possa trazê-lo para o convívio social.

Um aspecto que aponta para esse isolamento é a perda da linguagem: “Aquele homem rejeitara a linguagem dos outros e não tinha sequer começo de linguagem própria. E no entanto, oco, mudo, rejubilava-se. A coisa estava ótima.” (ME, p. 35). A “linguagem dos outros” é a ponte que o liga à sociedade, assim, para se reconstruir ele necessita abandonar tudo que pertence ao seu passado. Sendo a linguagem uma dessas coisas, o que resta é livrar-se dela. Desse modo, constatamos que a trajetória existencial de Martim consiste também na busca pela linguagem própria, ou seja, criada por si mesmo. Nesse sentido, Nietzsche (2005, p. 20) esclarece que

A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou firme o bastante para, a partir dele, tirar dos eixos o mundo restante e se tornar seu senhor. Na medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas como em *aeternae veritates* [verdades eternas], o homem adquiriu esse orgulho com que se ergueu acima do animal: pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo (NIETZSCHE, 2005, p.20).

O abandono da linguagem por Martim não se concretiza completamente, pois ele fica sempre em um movimento de distanciamento e de aproximação com ela, o que significa, ao pensarmos a relação entre linguagem e cultura, haver uma aproximação entre o homem e o mundo do qual foge. (VIEIRA; OLIVA, 2011).

Em seu movimento de reconstrução, Martim atravessa dois momentos importantes: a experiência em um terreno baldio (cercado por plantas, pedras e pequenos animais e insetos) e 2) e no curral das vacas. No “terreno terciário”, o homem vivencia a dimensão representativa do “mundo vegetal”, vivendo entre as plantas e raízes:

Naquele porão vegetal, que a luz mal nimbava, o homem se refugiava calado e bruto como se somente no princípio mais grosseiro do mundo aquela coisa que ele era coubesse: no terreno rastejante a harmonia feita de poucos elementos não o ultrapassava nem ao seu silêncio. (ME, p. 82)

Durante os primeiros dias Martim encontra refúgio no terreno e no silêncio, de maneira harmoniosa, uma vez que “Lá nenhuma planta sabia quem ele era” (ME, p. 90). O terreno é de certa forma bastante relevante para compreendermos a posição desse homem, pois assim como ele, o terreno já teve uma ordem estabelecida: “O terreno fora provavelmente uma tentativa, por fim abandonada, de jardim ou horta” (ME, p. 81) que foi tomado pelo mato, ou seja, voltou a uma origem anterior à “ordem inteligível” (ME, p. 81). O mesmo processo ocorre com Martim, pois ele procura se afastar o máximo de uma ordem mais compreensível e social, em meio à naturalização. Nesse sentido, Olga de Sá (2004, p. 82) afirma que “o itinerário de Martim também não é da escuridão para a luz, mas da luz para a escuridão; do descampado ensolarado para o terreno terciário, podre de húmus e vida.”

Entre as plantas só havia o silêncio, sendo que, em alguns momentos o pensamento surgia, mesmo Martim querendo rejeitá-lo: “É que ali uma pessoa não escapava de certos pensamentos” (ME, p. 96). Essa experiência é superada, uma vez que ele passa para o próximo estágio, pois sente a necessidade de “(...) alcançar a respiração misteriosa de bichos maiores” (ME, p. 97).

A experiência no curral possibilitou a entrada do homem no “mundo animal”, significando, portanto, um avanço em sua reconstrução: “Alguma coisa tinha acontecido. (...) Pertencia agora ao curral” (ME, p. 98). Martim sentia a necessidade de um movimento de vida e o curral com as vacas oferecia isso: “Aquele – aquele era um lugar quente que pulsava” (ME, p. 98). Nesse ambiente ele começava a pensar mais e também estabelecia uma certa dimensão de corporalidade, ao sentir a mornidão do ambiente e ficar próximo do corpo das vacas. Assim, se estabelecia uma inclinação para a retomada da noção de homem e seus sentidos.

Para entendermos essa transformação de Martim no convívio com as vacas, podemos recorrer ao *Dicionário dos símbolos*, na interpretação desse símbolo. Segundo o livro “[...] a vaca representa a natureza do homem e sua capacidade de iluminação” (GHEERBRANT; CHEVALIER, 2006, p.927). Desse modo, podemos denotar que o protagonista estava vivenciando o iluminar de seus pensamentos, empurrando-o para um convívio com a ordem estabelecida, com o social, do qual tenta fugir.

Concluído o processo de identificação com os animais, o homem percebe que não se reconhece mais naquele ambiente, sua transformação está além: “Mas as vacas já começavam a inquietá-lo um pouco” e “inquieto, ele estava se destacando delas” (ME, p. 105). Podemos denotar que esses estágios estabeleciam um novo contato de Martim com a própria existência. Para que sua reconstrução se efetivasse verdadeiramente, era preciso adentrar os diferentes níveis de vida, e é o que ele realiza. Nessa perspectiva, podemos concordar com os dizeres de Kierkegaard (1972, p. 182) ao afirmar que “(...) quanto mais a consciência se desenvolve com força no homem, mais este se dilata, ainda quando, noutras esferas, se isole do resto do mundo”, esse é o caso de Martim.

Esses momentos de isolamento vivenciados pelo homem, tanto no terreno quanto no curral, dificultavam a aproximação de Ermelinda, prima de Vitória, que se sentia atraída por ele: “Logo na primeira semana Ermelinda se apaixonou por Martim” (ME, p. 85) e, “Porque, num segundo perdido entre milhares de outros na vastidão do campo (...), ela acabara de saber, como se escolhesse, que o amava. Não diretamente, pois não era moça com hábitos de coragem” (ME, p. 87). Ao analisar essa personagem, Vieira (2011, p.66) afirma que ela “(...) será construída como uma abordagem paródica da visão tradicional de mulher, viúva frágil e volúvel, ligada a pequenos hábitos e afazeres sem importância”, e desse modo, se posiciona, muitas vezes, como uma representação romântica da mulher, através de comportamento singelo, visão sonhadora acerca da vida, e que tem como desejo a conquista de um amor. Esse amor tem em Martim sua concretização.

No entanto, segundo Vieira (2011, p. 66), Ermelinda também seria “uma personagem que foge à racionalização, ou seja, nega-se a uma caracterização objetiva”, isso pode ser verificado principalmente na relação entre ela e Vitória, por meio da dificuldade encontrada por esta em estabelecer um contato direto com a prima, em conhecê-la de maneira mais profunda: “Ermelinda parecia estar sempre escondendo que compreendia. E seu rosto se mantinha quase deliberadamente informe e suspenso” (ME, p. 69).

Essa dificuldade de desvendar o modo de ser e de pensar de Ermelinda pode ser indicada através dos medos que ela tem, a exemplo do medo dos pássaros. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2006, p. 687) o pássaro é “a representação da alma que se liberta do corpo, ou apenas o símbolo das funções intelectuais”, o que nos leva a considerar que Ermelinda é alguém que foge dos pensamentos, sendo assim, difícil de ser compreendida inteiramente.

Conforme veremos em análise posterior (Nascimento do herói), Ermelinda será um elo entre Martim e o mundo social, contribuindo para que ele atinja um novo estágio em busca de reinventar-se. Dessa maneira, a personagem clariceana figura como uma personagem interessante de ser percebida na complexidade que envolve a trajetória de Martim.

Com o passar dos dias, Martim começa a sentir que algo está se modificando:

Havia algo que era essência gradual e não para se comer de uma vez. Foi assim que a vida de Martim começou a ultrapassá-lo: os dias eram grandes, bonitos, e sua vida era muito maior que ele. E ele mesmo, aos poucos, tornou-se mais do que um homem sozinho” (ME, p.108)

O momento crucial na trajetória de Martim dá-se quando ele e Vitória vão à cavalo para a encosta: “Ali, confuso, sobre um cavalo assustado, num segundo apenas de olhar Martim emergiu totalmente e como homem” e assim “Martim então se lembrou inesperadamente de como um homem costumava ser: era como ele estava sendo agora! Numa sensação agonizante, ele se sentiu uma pessoa.” (ME, p. 114). A partir desse instante, algumas atitudes de Martim começam a mudar, ele passa a desejar a vida. É uma nova fase que se abre para a sua existência, e é também o início de um retorno para a sociedade.

Essa transformação de Martim, se dá através de um processo de “descortinar” ou mais precisamente de um processo epifânico. A epifania é uma visão, um deslumbramento, no qual o ser se depara com uma outra dimensão da realidade e das coisas. Segundo Olga de Sá (1979, p. 134): “Ela é expressão de um momento excepcional, em que se rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanismo e vazio”. Ao longo do romance, muitas são as situações em que o processo epifânico acontece, temos como exemplo, a experiência de Martim no curral das vacas. O resultante desses momentos epifânicos é um novo vislumbrar da vida para o ser, pois algo parece ter se transformado e atingido outra dimensão, outro sentido.

#### 4.2 Segunda parte – Nascimento do herói

No decorrer da narrativa, Martim percebe que “Estava muito contente de ser uma pessoa, este era um dos grandes prazeres da vida.” (ME, p. 123) e decide que precisa se reconstruir, porém não sabe bem por onde começar: “Oh Deus, não era nada fácil para aquele homem exprimir o que queria. Ele queria isto: reconstruir. Mas era como uma ordem que se recebe e que não se sabe cumprir” (ME, p. 131). Martim tomou essa decisão depois de refletir profundamente sobre o crime que cometera: “corajosamente fizera o que todo homem tinha que fazer uma vez na sua vida: destruí-la”, não vendo em seu ato algo vulgar. O seu crime fora necessário para que sua vida fosse reconstruída por ele mesmo: “ ‘Fora isso então o que ele quisera com o crime?’ Seu coração bateu pesado, irreduzível, iluminado de paz. Sim, para reconstruí-la em seus próprios termos” (ME, p. 131).

Na verdade, ao querer reconstruir-se, Martim passa a se ver como um “herói”, saindo da condição de criminoso e colocando-se como um inocente, alguém que foi obrigado a cometer o crime, não por vontade própria, mas por necessidade, para se “salvar”. Essa necessidade é, na perspectiva kierkegaardiana, um aspecto intrínseco ao homem, pois para que ele se torne efetivamente um “eu” precisa dar um passo além, o “salto”. O ato de Martim toma aqui uma dimensão positiva, no sentido de que possibilitou o rompimento com uma realidade que o prendia. Assim, podemos concordar que

O ser humano não está limitado à realidade e às necessidades de uma determinada situação como um animal qualquer está. Ele pode transcender qualquer situação dada infinitamente. Sua liberdade é uma liberdade técnica. Ele nunca deixou e nunca deixará de esboçar o mundo de amanhã. (TILLICH, 2010, p. 231)

Através de sua mudança, Martim inicia o despertar para a vida e também para a libertação (salvação), o que estabelece, nessa segunda parte da narrativa, um clima de emersão e de procura pelo começo de uma vida. Ao mesmo tempo em que vivencia um desejo de construir uma nova existência, ele fica sabendo que Vitória irá em breve para a cidade encontrar-se com um alemão e desconfia que seja o mesmo do hotelzinho de beira de estrada onde estivera hospedado. Passa então a rezear que Vitória venha a denunciá-lo: “Então ela se avistará com o alemão, pensou com ele com o cuidado de quem estivesse manuseando algo traiçoeiro que pudesse inesperadamente se rebelar entre seus dedos e ganhar vida própria” (ME, p. 132). Todavia, percebe que o seu desejo não é o de fugir, mas de aproveitar o tempo que lhe restava. Ele planejava a reconstrução de si mesmo e do mundo:

Tinha pouco tempo e devia começar agora mesmo, por assim dizer. “Da reconstrução do mundo dentro de si, ele passaria à reconstrução da Cidade, que era uma forma de viver e que ele repudiara com um assassinato; era para isso que o tempo era curto (ME, p. 136).

Enquanto procura se estabelecer novamente no mundo, as mulheres da casa percebem que Martim está mais presente e sentem também que seu tempo na fazenda não será tão longo, de modo que Vitória procura sempre mantê-lo ocupado e Ermelinda com suas fragilidades e medos, tenta cada vez mais aproximar-se dele: “Mas o homem não entendia o que ela insinuava velado demais. E nada acontecia. (ME, p. 150). Entretanto, ela não desistia:

“No entanto, era sem nenhuma exclamação de horror que, consigo mesma, ela encarava a crueza simples com que desejava ter para si aquele homem. (...) Seus motivos de desejá-lo eram os de uma mulher que deseja amor – o que lhe parecia terrivelmente sutil. E como se não bastasse esse motivo estranho, ela o entrelaçara com um motivo mais sutil ainda: o de se salvar – que é certo ponto que o amor às vezes atinge. Tudo isso, pois, tornava-a uma incompreendida. (ME, p. 150)

Os momentos seguintes relatam o envolvimento de Martim com Ermelinda, e as diversas vezes em que se encontram. Em cada encontro, ela aproveita para dividir com ele suas dúvidas e aflições, ao falar sobre a vida depois da morte, o início e fim do mundo e sobre o destino. E o homem, ao ouvi-la e tê-la próxima, sabe que também está sendo beneficiado: “Quanto mais tola, mais dele ela era: ela compensava a dificuldade que Martim estava tendo consigo mesmo” (ME, p.183). Ao ter certo domínio sobre Ermelinda, Martim sente-se mais seguro, já que ainda não consegue ter total domínio sobre si mesmo, apesar de já ter “se tornado um homem”.

Acerca da figura de Vitória podemos apreender alguns pontos interessantes para compreendê-la na conjuntura de reconstrução desse homem. Enquanto temos em Ermelinda a figura de uma mulher mais frágil, delicada, o oposto ocorre com Vitória. Esta se revela, em vários momentos, como uma pessoa forte e poderosa (“Vitória era uma mulher tão poderosa como se um dia tivesse encontrado uma chave. Cujas portas, é verdade, havia anos se perdera” (ME, p. 67). É a dona e responsável pelo sítio que herdou da família e nele encontra refúgio para seus anseios. Em uma análise dessa personagem, Martins (1997) afirma que seu nome é muitas vezes ligado à autoridade.

Poderosa divindade para os gregos, seu nome se mantém ligado a símbolos de majestade no mundo ocidental moderno. E se, de início, o nome *Vitória* indicia o “bem” corporificado na figura da proprietária (em oposição à agregada Ermelinda e aos que não têm acesso à vitória da propriedade,

vivendo em resignada pobreza *franciscana*), ao fim, soa como ironia, falso atributo, fraqueza similar à pobreza estética dos versos sobre rainhas por ela produzidos (MARTINS, 1997, p. 436).

Vitória é assim, um personagem tão ambíguo e complexo de se compreender quanto Ermelinda, sendo que há em *A maçã no escuro* representações diferenciadas com relação à elas. Vitória, com suas ordens e autoritarismo no comportamento, estaria voltada para o estereótipo do masculino, enquanto que a outra, representaria o feminino. Nessa perspectiva, ao analisar as representações acerca do feminino e das representações de gênero no romance do século XIX, Telles (2008) afirma que

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal* (TELLES, 2008, p. 403).

Nesse sentido, Vitória ocuparia o papel de transgressora dos papéis estabelecidos pela sociedade patriarcal. Isto posto, a relação entre ela e o protagonista se mostra logo de início distanciada: “Entre Martim e Vitória estabelecera-se uma muda relação já mecanizada e em pleno funcionamento: constituída da coincidência da mulher querer mandar e dele aquiescer em obedecer. Com avidez, a mulher era dona” (ME, p. 94).

#### 4.3 Terceira parte – A Maçã no Escuro

A última parte da narrativa é fortemente marcada por um clima de tensão e de revelações: “Havia um silêncio como quando há tambores batendo” (ME, p. 198). A apreensão inicia-se por parte de Martim que, ao ver Vitória ir para Vila Baixa, pressente que algo estava por acontecer: “E porque alguma coisa importante ia acontecer num futuro tão próximo – o encontro de Vitória com o alemão – a fazenda estava relegada ao passado, as flores de pé ao vento, o telhado seco faiscando ao sol” (ME, p. 197-198). Nesse mesmo contexto, Ermelinda sente que não ama mais Martim. Na verdade, não via mais sentido em ter aquele homem para ela: “Pois não o amava mais. Passara a grande atração que justificava toda uma vida. Ela estava ferida e melancólica. Era uma dor morta. (...) Eis o homem – e eu não o quero. Seu corpo perdera o sentido.” (ME, p.198).

A espera pelo retorno de Vitória, aliado ao abandono por Ermelinda provocam uma desestabilização em Martim:

E a verdade é que o homem não queria mais nada. Nem mesmo sabia o que é que quisera tanto. Como o amor morrera em Ermelinda, assim a falta de desejo dava silêncio ao coração do homem. Procurou a sua própria fome:



mas era o silêncio quem lhe respondia. Ele estava experimentando o que era pior que tudo: não querer mais. O primeiro momento foi muito ruim, mal calculou ele que não querer era tantas vezes a forma mais desesperada de querer. (ME, p. 199)

A angústia da espera surge em Martim, de modo que ele não sabe mais o que desejar. Seu mundo interior está envolto pelo silêncio. Ele sabe que precisa voltar e redimir-se perante a sociedade. Não há como fugir. Segundo Kierkegaard (2002), mesmo que estejamos vivendo um momento de calma e tranquilidade, nossa alma pode estar escondendo o desespero. A calma pode significar desespero, uma vez que: “Com efeito, não se pode declarar que se é, ou, ainda, que tendo-o sido, se está salvo dele. Estar confiado e calmo pode significar que o somos. Esta calma, esta segurança podem ser desespero” (KIERKEGAARD, 2002, p. 29).

Assim, quando Vitória volta da cidade, a única novidade que Martim percebe é súbita mudança: “(...) ela cessara as ordens e da única vez em que lhe falara esquivara-se como uma mulher tímida”. (ME, p. 202), “(...) ‘e por que de repente Vitória transformara o modo de se vestir? qual o motivo?’ Sem conseguir nenhuma explicação lógica, ele de novo suspeitava”. (ME, p. 202). Outro motivo que também causou inquietação foi a liberdade que as mulheres da fazenda lhe deram. Ele sentiu um perigo rondá-lo, mas não sabia de onde viria. O perigo seria a descoberta de seu crime.

Quando sinto angústia devido a qualquer culpa passada, é que não a ponho em relação a mim como verdadeiramente do passado e a impeço de se tornar passado mercê de algum desvio fraudulento. Logo que essa culpa venha a tornar-se verdadeiramente do passado, só poderei experimentar relativamente a ela arrependimento, que não angústia. Se não me arrependo, terei começado a entabular uma relação dialéctica com a culpa, mas esta transformou-se, por isso mesmo, num possível e não em algo de passado.” (KIERKEGAARD, 1972, p. 127-128)

A verdade do crime cometido está latente na mente de Martim. Apesar de tentar fugir, ele não consegue esquecer. Assim, a angústia torna-se real quando o mundo ao seu redor (a fazenda) sai da “normalidade” na qual o homem estava acostumado. Isto posto, ao sentir-se sozinho, resolve aproximar-se de uma menina, filha da empregada (a mulata), que brinca com tijolos perto do curral: “Foi pois de coração batendo que ele viu a menina brincando perto do curral.” (ME, p. 202). O principal receio de Martim é que ela tivesse medo dele: “Mas a menina – a menina ergueu os olhos dos tijolos com que brincava. Olhou-o – e sorriu. O coração do homem se contraiu na aflição da alegria: ela não tinha medo dele!” (ME, p. 203). Isso ao mesmo tempo que tranquiliza, também perturba Martim, pois ele não sabe bem o que fazer: “Então, após conversar brevemente com a menina, ele vai embora meio perturbado e a

deixa rindo sozinha: “(...) e como olhasse para trás com incredulidade viu com mais horror ainda que a menina ria, ria, ria” (ME, p. 206).

A criança pode ser compreendida como um símbolo da pureza, inocência. De modo que Martim pensa encontrar nela certo refúgio ou compreensão, pois ela não teria ainda a noção de maldade que a sociedade tem. Logo, não olharia para o homem com vistas à um julgamento.

Um fato que movimenta a narrativa é a visita do professor, amigo de Vitória, e de seu filho ao sítio. O professor, personagem perspicaz e ardiloso (“tenho todas as soluções”), consegue por meio de perguntas desconfiadas atormentar Martim:

- Digamos, que é que um homem fez para largar um lugar como S. Paulo, pois a pronúncia evidencia a localidade onde Vossência se origina, e não do Rio de Janeiro como Vossência afirmou. (...)  
 Como dizíamos nós, que fez ou o que pensou um homem para vir para cá? que fez ele, pergunto eu muito bem, já que Vossência acaba de concordar que meu jogo é o da charada humana?  
 - Adivinhe, disse Martim tentando sorrir com os lábios secos.  
 O professor não teve dúvida: abriu os olhos e fitou-o com crueza. Martim sorriu pálido.  
 - Adivinharei, disse abruptamente o professor.  
 (ME, p. 214-215)

Então, após irem embora, Martim começa a ter uma forte crise de medo, que o leva a sair correndo para dentro da floresta: “Foi quando começou a correr de fato, a correr desencadeado em direção ao rio, e seu nebuloso objetivo era o bosque, o bosque escuro” e “E Deus é testemunha que ele não sabia o que viera procurar no bosque” (ME, p. 216).

Em seguida, a narrativa apresenta-se em tom mais denso, pois Martim tenta se recuperar da aflição que está sentindo, mas não consegue, pois sente que algo se rompeu e então começa a pensar sobre o crime que cometeu:

“Então no escuro, não sabendo ao certo do que tinha medo, o homem teve medo do grande crime que cometera. Face a face com a palavra crime, recomeçou a tremer e a sentir frio, sem conseguir desmanchar o riso que ressurgia. E o criminoso teve tanto medo que pela primeira vez compreendeu em todo o seu inexprimível sentido o que significava a salvação” (ME, p.219)

Então, o que se segue é um longo diálogo, em que o homem passa a falar com Deus e a pensar na palavra salvação: “Seria à procura dessa palavra que ele saíra de casa? Ou de novo seriam apenas os restos de uma palavra antiga? Salvação – que palavra estranha e inventada (...)” (ME, p. 220). Essa palavra é criação humana e Martim ainda estava em processo de retorno para o mundo da linguagem, por esse motivo soa-lhe estranho o vocábulo.

Chama por Deus e pede sua bondade: “O medo de jamais atingir a bondade de Deus o tomou. (...) Foi então que de repente ele disse em si mesmo: eu matei, eu matei, confessou afinal” (ME, p. 223). Ao confessar o que fez, Martim procura se livrar da culpa que sente e então declara finalmente que crê, sem saber bem o que diz: “‘Eu creio’, disse Martim apavorado consigo mesmo, ‘eu creio, eu creio! Não sei qual a verdade mas sei que poderia reconhecê-la’, ‘me dai uma oportunidade de saber no que creio!’” (ME, p. 226). Ao dizer essas palavras, Martim confessa para si mesmo que elas não eram verdadeiramente suas e então resta somente o vazio.

Em seguida, a narrativa adentra outro personagem, Vitória, que se encontra em seu quarto pensativa e ao mesmo tempo arrependida por ter denunciado Martim ao professor. Ela sente que cometeu um pequeno crime com sua denúncia, mas confessa que não quer consolo, pois acha seu crime algo mesquinho. Então sente uma vontade intensa de viver e pensa que é um pecado: “Deus, que por pura bondade, considerara este sentimento pecado. Para que ninguém ousasse e ninguém sofresse a verdade” (ME, p. 235). Logo depois, Vitória dirige-se para o depósito, com o desejo de encontrar Martim, mas perde a coragem, e então decide voltar para dentro da fazenda. Na manhã seguinte, ao conversar com Martim, passa a contar longamente toda a sua vida, procurando fazê-lo compreender o seu modo de ser: “Ouça: antes de vir para cá, eu era diferente” (ME, p. 273).

Durante a fala de Vitória, percebe-se que ela tem medo da vida: “e o emaranhamento de uma mulher que tinha medo de viver – seria isto?”, perguntou-se também confuso, pois aquela mulher tinha nas rugas cinzentas mais morte que vida, e, no entanto, era a vida que ela temia” (ME, p. 263). Ao conversar com Martim, a mulher acaba percebendo que já vivera todo um passado e que não podia mais ser amada, já Martim, o que guardou dela foram “imagens sobrepostas e indecisas”.

A narrativa chega ao seu desfecho com a chegada do professor, dos investigadores e do prefeito de Vila Baixa, que, avisados por Vitória, vieram prender Martim. Nesse momento, fica-se sabendo que o crime de Martim fora uma tentativa de homicídio contra sua própria esposa e que ele, no entanto, não fora totalmente concretizado, pois ela tinha sobrevivido.

Assim, a partir desse momento, Martim se entrega, disposto a retornar para a sociedade e cumprir com a sua sentença. Ao mesmo tempo que se dispõe a se reconstruir e a reconstruir o mundo. Desse modo, seu itinerário de fuga tem fim: “Porque afinal não somos tão culpados, somos mais estúpidos que culpados” (ME, p.335).

## 5 CONCLUSÃO

Por meio deste estudo, verificamos que a literatura é um espaço em que o humano consegue se dizer, colocando suas angústias e anseios perante o mundo. Por meio da análise de *A maçã no escuro*, percebemos em uma perspectiva interdiscursiva as relações estabelecidas entre a literatura, a teologia e a filosofia existencial, de maneira que novos sentidos e configurações puderam ser estabelecidos, tomando como eixo o entrecruzamento desses campos discursivos.

A tessitura narrativa de *A maçã no escuro* aponta para um percurso temático-figurativo em que questões de ordem existencial se apresentam de forma bastante expressiva e permanente ao longo de toda a história, a exemplo da angústia, medo e o desespero. Essas questões estão imbrincadas na existência dos personagens e servem como impulsionadores de seus atos e ações a cada momento.

Assim, temos no protagonista Martim a construção do itinerário humano de *queda* e de redenção, perfazendo portanto, um caminho de reconstrução do sentido da própria existência humana. Tornando-se um “novo Adão”, ele tem a oportunidade de construir (em seus próprios termos) a si mesmo, e, para isso passa por diferentes estágios de desenvolvimento de seu “eu” interior, vivenciando diversos aspectos da realidade. No entanto, esse processo só foi possível através de seu ato ou “salto qualitativo”, na perspectiva kierkegaardiana teo-filosófica de interpretar as relações entre o homem e sua existência.

Isto posto, percebemos que há em cada recanto do romance a presença de um mal, mesmo que de forma camuflada. Ele está por vezes imbrincado no medo que cada personagem tem ou mesmo em suas desesperanças. No caso de Martim, o seu crime é a representação de um mal, percebido a partir de um viés filosófico e teológico, com as concepções apontadas por Kierkegaard, em que a culpa e angústia invadem o ser. Por outro lado, temos um viés social, ao defini-lo também dentro de uma perspectiva da moral. Nesta o crime do protagonista aparece como uma quebra de um acordo estabelecido socialmente através das leis. Ao transgredir essas leis, o sujeito deve e necessita ser punido, o que ocorre justamente com Martim no fim do romance. De modo amplo, a concepção de mal em *A maçã no escuro* apresenta-se como força libertadora, principalmente para Martim, pois é através desse mal que ele atinge a liberdade.

No mais, consideramos a obra em questão um meio para conhecermos as malhas da existência humana, com seus personagens e deslocamentos. Por fim, esta pesquisa que realizamos pode contribuir como aporte teórico para quem se dedica ao estudo das interfaces

entre literatura, teologia e filosofia, principalmente no que concerne à literatura de Clarice Lispector.

## 6 REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, A. **O Livre-arbítrio**. Tradução e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998, p. 50-51.

BRANDÃO, Eli. Resignação de Jó em “Ritual de danação”, de Gilvan Lemos. In: FERRAZ, Salma; Magalhães, Antônio; CONCEIÇÃO, Douglas; BRANDÃO, Eli (Orgs). **Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia**. Belém: UEPA, UEPB, 2008

CASSIRER, Ernst. Uma chave para a natureza do homem: o símbolo. In: **Antropologia Filosófica: ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. México: Fondo de econômica, 1979, p. 47-51.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. de Vera Costa e Silva [et al.]. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

DANTAS, Nilvanda Barbosa. **Antropofanias na obra de Clarice Lispector: Percurso teo-poético-filosófico em A maçã no escuro**. 2006. 72 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2006.

DESLANDES, S. F. A Construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa Social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p. p.31-50.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

FERREIRA-SANTOS, Marcos & ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 161-193.

\_\_\_\_\_. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1994.

FROMM, Erich. **A Linguagem Esquecida: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

JEHA, J. Monstros como metáfora do mal. In: JEHA, J. (Org.). **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007. p.9-31

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. Tradução: João Lopes Alves. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAGALHAES, Antônio. A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia. In: FERRAZ, Salma; Magalhães, Antônio; CONCEIÇÃO, Douglas; BRANDÃO, Eli (Orgs). **Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia**. Belém: UEPA, UEPB, 2008

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MARTINS, G. F. **As vigas de um heroísmo vago**: três estudos de *A maçã no escuro*. 1997. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Texto, Crítica, Escritura**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Portugal: Porto Editora, 1995.

---

\_\_\_\_\_. **Interpretação e Ideologias**. 4ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ROSENBAUM, Yudit. **As metamorfoses do mal em Clarice Lispector**. São Paulo: EDUSP, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. São Paulo: Vozes, 1989.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mari Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TILLICH, Paul **A Concepção de Homem na Filosofia Existencial**. Revista da Abordagem Gestáltica., Goiânia, xvi (2), p. 229-234, jul-dez. 2010.

VIEIRA, J. C; OLIVA, O. P. **Crime e Libertação** – Um estudo de *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector. Rev. Let., São Paulo, v.51, n.2, p.171-190, jul./dez. 2011.

VIEIRA, Júlio César. **Crime e Libertação**: Um estudo de *A Maçã no Escuro*, de Clarice Lispector. 2011. 81 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários/PPGL) – Universidade Estadual de Montes Claros – Montes Claros, 2011.